

ALFABETIZAÇÃO, FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES: Lagarto, SE e São José da Laje, AL

Leonor Scliar-Cabral¹

Eixo temático: 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: A formação continuada dos educadores envolvidos com alfabetização é uma exigência, tendo-se em vista que a maioria deles não teve o embasamento suficiente, nos cursos frequentados nos Centros de Educação, para se tornarem autônomos em sua futura atividade docente para onde forem alocados. Tais cursos, em geral, carecem em seus Programas de disciplinas essenciais à formação de um alfabetizador, como Linguística, Psicolinguística, Neuropsicologia, Neurociência e Sociolinguística, lacunas a serem preenchidas pela formação continuada. Em adendo, as disciplinas elencadas avançam rapidamente em novas descobertas, que devem ser acompanhadas *pari passu*, para que os alfabetizandos sejam auxiliados em seus esforços de transpor as enormes dificuldades para se tornarem leitores e redatores competentes. No Brasil, as maiores dificuldades foram encontradas pelas crianças do Nordeste, conforme atestam os piores resultados do Saeb-Ana de 2016: em Sergipe, em leitura, somente 17% das crianças chegaram ao nível mais alto esperado e 45.28% ficaram no mais baixo (o pior resultado); em Alagoas, somente 19% das crianças chegaram ao nível mais alto esperado e 43% ficaram no mais baixo enquanto no Maranhão, somente 19% das crianças chegaram ao nível mais alto esperado e 40% ficaram no mais baixo. Eis a razão de termos concentrado a formação continuada dos alfabetizadores em Lagarto, SE e São José da Laje, AL, cujas experiências serão relatadas.

Palavras-chaves: alfabetização; formação continuada; maiores dificuldades; Nordeste; Saeb-Ana de 2016.

Introdução

Nessa comunicação, justificarei a exigência da formação continuada dos educadores responsáveis pela alfabetização para a leitura e a escrita, principalmente, porque a maioria deles não teve o embasamento suficiente, nos cursos frequentados nos Centros de Educação, para se tornarem autônomos em sua futura atividade docente. Tais cursos, em geral, carecem

¹Doutorado pela Usp. Professor voluntário no Programa de Pós-Graduação da Ufsc: leonorsc20@gmail.com

em seus Programas de disciplinas essenciais à formação de um alfabetizador, como Linguística, Psicolinguística, Neuropsicologia, Neurociência e Sociolinguística.

Explicarei por que cada uma das disciplinas elencadas é necessária à fundamentação do alfabetizador. Apresento os dados que motivaram tal decisão, em especial, os resultados do Indicador de Alfabetismo Funcional (2018), segundo os quais, 29% dos brasileiros não tinham as condições mínimas para o exercício da cidadania; 59% o faziam de forma precária e apenas 12% estavam aptos a compreender e refletir sobre os textos necessários ao exercício da cidadania de forma plena e à ampliação da sua aptidão para competir no mercado de trabalho. Em adendo, na ANA de 2016 (INEP, 2017), foram avaliados 2.160.601 alunos ao término do 3º ano do Ciclo de Alfabetização, nas escolas públicas brasileiras, em leitura e escrita, dos quais somente 12,99% atingiram o nível desejável (4) em leitura e apenas 8,28%, o nível desejável (5) em escrita.

Ressalte-se que Sergipe apresentou o pior desempenho em leitura e Alagoas, o pior, em escrita: Sergipe se colocou em último lugar no Brasil, com apenas 3,02% de alunos no nível desejável em leitura e em penúltimo lugar em escrita, com apenas 1,84%. Tais resultados fizeram com que priorizássemos esses dois Estados para implantar o Sistema Scliar de Alfabetização (SSA), nas Semeds de Lagarto e de São José da Laje, cuja fundamentação teórica, metodologia, resultados e discussão serão apresentados a seguir.

2 Fundamentação Teórica

A grande motivação para formular um novo Sistema de Alfabetização para todos quantos estejam empenhados em formar um leitor proficiente decorreu de que, em primeiro lugar, apesar dos esforços dos educadores, o índice de analfabetismo funcional era muito alto.

Tabela 1. Inaf, dados comparativos.

Ano	2001/2	2009	2018
Analfabeto Funcional	39%	27%	29%
Funcionalmente Alfabetizados	61%	73%	71%
Elementar	28%	35%	34%
Intermediário Proficiente	20% 12%	27% 11%	25% 12%

Fonte: Inaf (2018).

Em relação ao número de analfabetos funcionais, houve uma piora, comparando-se os percentuais de 2018 (29%) e 2009 (27%). Quanto aos funcionalmente alfabetizados, houve também uma piora no total, de 2%, porém é preciso atentar para que o Inaf subdivide essa última categoria em elementar, intermediário e proficiente e, somente a última abrange os leitores que, efetivamente, compreendem e interpretam os textos que circulam socialmente, aptos ao exercício pleno da cidadania e a ocupar os postos de trabalho mais qualificado: somente 12% da amostragem representativa da população brasileira, atingiu o nível de proficiência em leitura.

Os dados alarmantes me levaram a buscar as causas do descalabro e a principal está na aprendizagem inicial precária da leitura, sem bases científicas, daí a necessidade de reformular os fundamentos que balizam as metodologias da alfabetização, a formação continuada dos professores e a elaboração do material pedagógico. Busquei os achados mais fundamentais das ciências que se ocupam da linguagem verbal: a linguística, psicolinguística, neuropsicologia, neurociência e sociolinguística.

Começarei pelas contribuições da linguística e da neuropsicologia (MORAIS; KOLINSKY, 2002), com o conceito de nível (*level*) (DUBOIS et al., 1973, p. 337): a arquitetura das línguas e de seu funcionamento espelha a estrutura e funcionamento para a linguagem verbal do sistema nervoso central, refletindo a dicotomia entre processos automáticos e criativos, distinção que terá reflexos profundos na metodologia da alfabetização, uma vez que os processos criativos, na leitura, são os envolvidos na atribuição da significação básica dos itens reconhecidos na folha impressa, na construção do sentido dos itens e do sentido de sua combinação em frases, orações, períodos, parágrafos até chegar à construção do sentido textual; os processos criativos na escrita são os envolvidos no planejamento de para que estamos produzindo a mensagem (intenções pragmáticas), do que vamos escrever (conceitos essenciais) e de como escrevemos, pois há várias escolhas a fazer, nas quais interferem fatores determinantes, como: para quem escrevemos (público ou privado, stáтус, nível cultural), suporte utilizado (celular, computador, papel); outro processamento criativo, na escrita, é a revisão ou monitoramento, quer *pari passu*, quer após termos redigido o borrão.

Os processos automatizados (após uma aprendizagem eficiente), na leitura, são os envolvidos com o reconhecimento de quais, quantos e como se combinam os traços invariantes que diferenciam as letras entre si, com o reconhecimento dos grafemas associados aos fonemas por eles representados, formando o item lexical fonológico para ser emparelhado no léxico mental e com a conversão na cadeia da fala, “ouvida” em nossa mente, na fala interior.

Os processos automatizados (com uma aprendizagem eficiente), na escrita, são os

envolvidos com, após a seleção do item na memória lexical fonológica, efetuar a conversão dos fonemas aos respectivos grafemas e, na sequência, acionar os esquemas motores que comandam os movimentos dos músculos no espaço para a realização das letras manuscritas ou digitalizadas. Cada tipo de processamento ocorre em um nível que forma uma arquitetura existente em todas as línguas: nos sistemas orais, começa no nível mais baixo, constituído de um número muito pequeno de traços fonéticos (ex. + ou – vozeado, como em “casa” /'kaza/ vs. ‘caça’ /'kasa/) distintivos, integrados no nível seguinte, formando um número muito pequeno de fonemas (ex., os 4 fonemas /k/, /a/, /z/, /a/).

Os fonemas se combinam para constituir, no 3º nível, que se subdivide (a) nas unidades mínimas dotadas de significado gramatical (em número fechado e limitado, portanto, os processos são automáticos), por ex., artigos, preposições, sufixos (marcas de plural, de pessoa e número e (b) nas unidades que referenciam as significações externas à estrutura gramatical, gravadas no léxico mental fonológico dos radicais dos substantivos, verbos e adjetivos (MATTOSO CAMARA JÚNIOR, 1969).

No português brasileiro, os radicais, acrescidos pelos sufixos (inclusive zero) ou sem eles constituem as classes sintáticas. Com as regras sintáticas (em número fechado e limitado, portanto, os processos são automáticos), formam o 4º nível, onde, em paralelo, é atribuído o acento à sílaba mais intensa.

As unidades mínimas, dotadas de significado, vinculam-se à memória semântica (5º nível), aberta a novas significações básicas e novos campos. Seguem-se os níveis cada vez mais criativos e complexos da construção dos sentidos, nas combinações entre as classes sintáticas, para a formação das frases nominais, verbais e preposicionais, das orações, das sentenças ou períodos até se chegar ao texto. Resta, ainda, outro nível paralelo que permite reconhecer e produzir as modalidades (afirmação, ordem, interrogação, negação e suas combinatórias).

Os sistemas de escrita alfabéticos, por serem secundários em relação aos orais, exigiram a introdução de mais dois níveis, justamente os mais baixos, o dos traços gráficos invariantes e o das letras. Para explicá-los, valho-me dos achados da neurociência da leitura (DEHAENE, 2012).

Em primeiro lugar, o tipo de alfabeto, ou *script*, independe da língua: o mesmo alfabeto latino (o mais difundido no mundo) é usado pelas comunidades das línguas inglesa, francesa, finlandesa, italiana ou portuguesa etc. Vejamos os traços invariantes primários das letras de imprensa, no sistema latino. São 8 traços de natureza abstrata que compõem as letras: | ○ γ c U ɔ ~ .

Acrescem-se os seguintes traços, aplicando o princípio da economia, para facilitar a automatização do processamento:

a) posição da reta, vertical, horizontal ou inclinada, ou da bengalinha, que aparece além de reta, inclinada, só na letra y: | \ - (I V A Á À); ı (n y).

b) quantidade de cada traço: um, dois, três, quatro, cinco ou seis, às vezes, em espelho: I S L X Z F H B N E M W É Ê s x n m k z w;

c) tamanho diferente na mesma fonte: | (n h L Z F H k z);

d) ultrapassagem da linha de base imaginária (só nas minúsculas): g j p q y;

e) direção e como se combinam: à direita do eixo (B D E F K L P R b h k m n p); à esquerda do eixo (d q); vértice para baixo (V v W w Y y); vértice para cima: (A M); bengalinha com abertura no topo, voltada para a esquerda: (a h m n); bengalinha com abertura no topo, voltada para a direita: (f); bengalinha com abertura na base, voltada para a direita: (t u); bengalinha com abertura na base, voltada para a esquerda: (g j y J); semicírculo com abertura voltada para a direita: (a c d e g q C G); semicírculo ou metade de elipse com abertura voltada para a esquerda: (b p B D P R).

Por fim, é necessário estar atento às variedades sociolinguísticas dos aprendizes, determinadas por fatores geográficos, sociais, culturais, etários, de gênero e idiossincráticos, embora, apesar de as variantes sociolinguísticas de um mesmo fonema poderem ser muito discrepantes, isto não impede o reconhecimento de uma unidade lexical, pois o sistema fonológico do PB é o mesmo. Por exemplo, ao emitirem o 3º segmento da palavra /'kuRta/, “curta”, os falantes poderão produzir as seguintes variantes [r, x, R, ʀ, ʁ, h, ʎ], conforme sua variedade.

Se examinarmos as duas primeiras variantes possíveis [r, x], verificaremos que elas não partilham nenhum traço fonético, com exceção do traço [+cons]: a primeira é uma consoante líquida apicoalveolar vibrante e a segunda é uma consoante fricativa velar surda, mas o ouvinte recuperará a palavra /'kuRta/, “curta”, conforme registrou (*intake*) de sua variedade sociolinguística em seu léxico mental fonológico.

O principal argumento em favor é o de que não é possível, nem necessário que nossa memória lexical registre todas as variantes sociolinguísticas dos fonemas de uma mesma palavra no léxico mental fonológico.

3 Metodologia

A formação continuada dos alfabetizadores começou em 2017 em São José da Laje e Lagarto, com apoio do executivo, em especial, das Semeds, legislativo e judiciário municipais e com total adesão dos familiares. Os instrumentos são tanto para formação dos educadores e das crianças, quanto para avaliação dos resultados.

As Semeds adotaram os livros do SSA, para fundamentar e instrumentar os

educadores, e os livros e materiais para o aluno (SCLIAR-CABRAL, 2020a, 2020b, 2018, 2013.), à época, oferecidos pela autora, quando não impressos, em versão digital. O Depto. Geral do Ensino promovia a formação, em reuniões semanais, inclusive, ouvindo Scliar-Cabral, via Moodle da UFSC.

A Semed de Lagarto selecionou três escolas: Esc. Municipal Raimunda Reis e Esc. Mul. Manoel de Paula e Escola Rosa Venerine, cujas três prof.as alfabetizadoras receberam a formação pelo acadêmico Jose Humberto dos Santos Santana. Depois da formação, só permaneceram duas docentes, Jaqueline da Silva Nascimento, com duas turmas na Raimunda Reis e Patrícia Vieira Barbosa Faria, com uma turma na Manoel de Paula.

No início do 2º semestre de 2017, a bolsa do acadêmico foi suspensa e, como o município estava percebendo os avanços, garantiu a continuidade do projeto, formalizado por Scliar-Cabral, sob a coordenação da Dra. Mariléia Reis que o renomeou “Alfabetização com excelência em Lagarto”.

Scliar-Cabral, via Skype, passou a realizar a formação das duas prof.as Jaqueline e Patrícia e das duas coordenadoras Maria da Piedade S. Oliveira e Luzineuma Matias dos Santos. Findo o ano de 2017, os 70 discentes passaram para o 2º ano, sabendo ler com fluência.

Scliar-Cabral e a Prof.a Mariléia Reis da UFS compareceram ao encerramento do ano letivo de 2017 das escolas envolvidas quando se firmou o acordo para adoção do SSA como política pública de alfabetização em Lagarto.

Em 2018, a Semed ampliou o SSA para 34 turmas, com 910 alunos do 1º ano. Dessas, foram selecionadas 17 turmas distribuídas em 12 escolas, 3 na zona rural e 9 na sede, atendendo 365 discentes, com foco na alfabetização para a leitura.

O Mais Alfabetização PMALFA (CAED, 2018) auxiliava nas aulas, na aplicação de avaliações de diagnóstico de entrada, na avaliação processual e no diagnóstico de saída, com uma plataforma digital e uma matriz de referência que norteava o trabalho de leitura e escrita do professor. A matriz de referência da ANA com o ciclo de alfabetização de 3 anos passou a 2 anos.

O Simulado Final Acerta Brasil (SOMOS, 2019) é uma prova digitalizada, cujos cartões com a prova do aluno são escaneados e enviados à plataforma SOMOS, que gera os Relatórios.

O Censo Escolar do INEP é o principal instrumento de coleta de informações da educação básica e a mais importante pesquisa estatística educacional do Brasil. A partir dos dados da Matrícula Inicial, compara os dados sobre o movimento e rendimento escolar dos alunos, ao final do ano letivo.

A Avaliação de Fluência do CAED consistiu em atividades individuais de fluência em

leitura, gravadas pelo aplicativo de *smartphone* e enviadas para análise.

4 Discussão dos resultados

Primeiro, apresentarei e discutirei os resultados do experimento em São José da Laje. Ao se considerar que, conforme a Avaliação Nacional em Alfabetização (ANA) de 2016 (INEP, 2017) só 1.39% das crianças com 8 anos, ao término do 3º ano, alcançou o nível mais alto desejável 4, em leitura, o avanço foi espetacular após a adoção do SSA, pois 71% dos alunos, aos 7 anos e ao término do 2º ano do EF, alcançaram o nível mais alto desejável 4, em leitura.

Todas as séries do EF, exceto a 1ª, participaram do Simulado Acerta Brasil (SOMOS, 2019), com diagnóstico de entrada e com o resultado final, no qual, os alunos do 2ª série, aos sete anos, obtiveram 85.9% de acertos em matemática e 73.4% em língua portuguesa, segundo a Teoria Clássica de teste TCT.

Passo aos resultados e discussão do experimento em Lagarto, Se.

Tabela 2. ANA, 2016 em Sergipe e Mais Alfabetização, 2018 em duas escolas de Lagarto, SE

Níveis em Leitura	Estado	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4
ANA, 2016	Sergipe	45.28	34.91	16.78	3.02
Mais Alfabetização 2018					
Escola, Níveis em Leitura	Cidade	Nível 1	Nível 2	Nível 3	
Raimunda Reis	Lagarto	8.7	56.5	34.8	
Manoel de Paula Menezes Lima	Lagarto	9.1	59.1	31.8	

Fontes: INEP, 2017; CAED, 2018.

Observem-se os excelentes resultados dos alunos do 2º ano das escolas Raimunda Reis e Manoel de Paula Menezes Lima, após dois anos de aplicação do SSA, levando-se em consideração que ao Nível 1, correspondem $\leq 60\%$ de acertos no teste; ao Nível 2, $> 60\%$ a $\leq 80\%$ de acerto no teste e, ao Nível 3, $> 80\%$ de acerto no teste.

Pelo indicador de fluxo do Censo Escolar (INEP, 2018), 898 alunos do 1º ano do EF foram aprovados dentre os 905 matriculados, com 99.2% do total e 0.0% reprovados e 0.8%

deixou de frequentar.

5 Considerações finais

Nessa comunicação, justifiquei a exigência da formação continuada dos educadores responsáveis pela alfabetização para a leitura e a escrita, em virtude de a maioria deles não terem usufruído de embasamento suficiente, nos cursos frequentados nos Centros de Educação.

Pelo fato de tais cursos carecerem em seus Programas de disciplinas essenciais à formação de um alfabetizador, como Linguística, Psicolinguística, Neuropsicologia, Neurociência e Sociolinguística, no referencial teórico, argumentei, exemplificativamente, o que cada uma dessas disciplinas oferece como fundamentos essenciais, para garantir futuros leitores e redatores inseridos na sociedade da informação. Não se concebe que um alfabetizador não saiba que os neurônios da leitura tenham que ser reciclados para reconhecer quais, quantos e como se combinam os traços invariantes que distinguem uma letra da outra.

Ficou evidente que, com professores bem formados continuamente e dispendo de material pedagógico fundamentado nos avanços das ciências que se ocupam da linguagem verbal, é possível alfabetizar bem as crianças de estados que obtiveram, anteriormente, os piores resultados em leitura e escrita, como Sergipe e Alagoas.

Referências

CAED. *Mais Alfabetização, 2018*. Disponível em <<https://maisalfabetizacao.caedigital.net/#!/resultado-rede>>. Acesso em 10 de set. 2020.

DEHAENE, S. *Os neurônios da Leitura - como a Ciência explica a nossa capacidade de ler*. Consultoria, tradução e supervisão de Scliar-Cabral, L. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

DUBOIS, J. et al. *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larousse, 1973.

INAF. *INAF Brasil 2018: Resultados Preliminares*. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro, 2018.

INEP. *Sistema de avaliação da educação básica - Avaliação Nacional de Alfabetização*, Brasília: Ministério de Educação, Brasil, 2017. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?Option=comdocman&view=download&alias=75181-resultados-ana-2016-pdf&category_slug=outubro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 26 out. 2017.

INEP. *Censo Escolar, 2018*. Disponível em <Censo Escolar — Inep (www.gov.br)>. Acesso em 26 de nov. 2018.

MATTOSO CAMARA JÚNIOR, J. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.

MORAIS, J.; KOLINSKY, R. Literacy effects on language and cognition. In: BÄCKMAN, L.;

HOFSTEN, C. von (Orgs.). *Psychology at the turn of the millennium*. Cognitive, biological, and health perspectives. Londres: Psychology Press, Taylor & Francis, v. 1, p. 507-530, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/285765555_Literacy_effects_on_language_and_cognition>. Acesso em 29 mar. 2021.

SCLIAR-CABRAL, L. *Sistema Scliar de Alfabetização – Fundamentos*. Florianópolis: Editora Lili, 2013.

SCLIAR-CABRAL, L. *Sistema Scliar de Alfabetização - Roteiros para o professor: Módulo 1*. Florianópolis: Editora Lili, 2018, v.1.

SCLIAR-CABRAL, L. *Scliar de alfabetização - Caderno de Atividades: Módulo 1, Leitura*. Florianópolis: Editora Lili, 2020a.

SCLIAR-CABRAL, L. *Aventuras de Vivi Livro 1*. Florianópolis: Editora Lili, 2020b.

SOMOS. *Simulado Acerta Brasil, 2019*. Disponível em < SOMOS Educação | Parceira Integral das escolas de Educação Básica (somoseducacao.com.br)>. Acesso em 10 dez.2019.